

# Douglas MacArthur - general estadista ou demagogo perigoso?

Almir dos Santos\*

O artigo apresenta uma sinopse da extraordinária vida do General MacArthur.

**M**acArthur era um ator por natureza. Com seus dois metros de altura, seus óculos escuros e seu cachimbo de sabugo de milho no canto da boca, cultivava a imagem de símbolo sexual nos mesmos moldes dos galãs de Hollywood. Era um grande orador que tinha o cuidado de só dizer aquilo que o povo queria ouvir. Era um populista na acepção da palavra. De qualquer maneira, como estadista, como orador, ou simplesmente como um demagogo, ele tem lugar de destaque na história do século XX, não apenas por sua participação em três guerras ou por sua atuação destacada

na guerra do Pacífico, mas por ter sido um grande estrategista.

MacArthur teve uma carreira brilhante. Ingressou em West Point em 1899 tirando o primeiro lugar no concurso de admissão, posição que manteve durante todo o tempo que esteve na Academia. Além de ser o *Zero Hum* da turma, ainda era filho do General Artur MacArthur, herói da guerra civil, da guerra contra os índios e da guerra contra a Espanha. Com esse pai, não era de se estranhar os cargos que ocupava. Ao se formar, em 1903, enquanto toda sua turma foi comer poeira no deserto americano, MacArthur foi servir no Estado-Maior do Comandante Militar das Filipinas, que era um cargo diplomático,

Apesar do mal-estar e de comentários maliciosos que existiam a seu respeito, Douglas MacArthur continuou ocupando os melhores cargos dentro do Exército e recebendo promoções. Em 1917, quatorze anos depois de formado, já era coronel, caso inédito dentro das Forças Armadas para oficiais de gabinete.

Talvez por isso que, mesmo freqüentando a Casa Branca e sendo fotografado sistematicamente próximo ao presidente, em 1917 foi enviado para a Primeira Grande Guerra, no primeiro grupamento de 170 mil homens.

Era evidente que a intenção de seus superiores era acabar com a fama de alguém que vivia à sombra do pai. Foi aí que o Coronel MacArthur

\* Professor do IME e da Escola Naval.

surpreendeu a todos. Aquele oficial engomado de Estado-Maior, com pose de diplomata, era um grande guerreiro. Em fevereiro de 1918, seu regimento entrou em ação e venceu os alemães em Luneville Bacca. Em março, MacArthur destruiu um posto de suprimento alemão atrás das linhas inimigas e foi promovido a brigadeiro-general (general de uma estrela).

Em julho, os alemães atacaram ferozmente em todas as frentes. No seu setor, MacArthur deteve os alemães e contra-atacou, usando técnicas que aprendera com seu pai, utilizadas pelos índios pelas vermelhas. Em agosto, sua brigada avançou até a linha Hinderburg e travou a sua mais feroz batalha. Apesar do elevado número de baixas em ambos os lados, ele fez 16 mil prisioneiros e foi promovido a major-general (general de duas estrelas). Finalmente, conseguiu a grande vitória de Mosa Argona, numa batalha que durou 47 dias.

Por todos esses feitos, Douglas MacArthur tornou-se o mais condecorado oficial do Exército americano naquela guerra. Recebeu nove condecorações: 5 Estrelas de Prata, 2 *Croix de*

*Guerre* (dadas pelo Governo francês) e 2 Cruzes do Mérito Militar. Mas sua fama começou a incomodar. Em Washington muita gente achou que ele recebera medalhas demais e começou a questionar a veracidade desse heroísmo. Como não podiam fazer nada, abriram um processo contra ele, acusando-o de não seguir as normas de segurança. Acusaram-no de andar desarmado, de não usar capacete de aço, não utilizar máscara contra gases venenosos e, ainda, comandar muito à frente da luta, se expondo sem necessidade.

Em sua defesa o General Pershing, o comandante supremo dos americanos na Europa e herói nacional declarou: *parem com essa besteira. MacArthur é o maior líder de batalha que temos e pretendo promovê-lo a tenente-general. Ele cumpriu seu dever de maneira tão brilhante, que não encontro paralelo entre os oficiais que tiveram em contato direto com a batalha.*

Em 1920, Pershing assumiu o Estado-Maior das Forças Armadas. Com esse poderoso protetor, MacArthur tinha que receber importantes postos de comando. E recebeu-os. Tornou-se co-

mandante da Academia Militar de West Point com apenas 38 anos, (seu antecessor tinha 71). Sua segunda função foi ser o comandante militar de Manila. Sua terceira missão, já como tenente-general (general de 3 estrelas), foi dirigir o comitê olímpico americano nas olimpíadas de 1928. Finalmente, em 1930, atingiu o posto máximo: tornou-se o mais jovem Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (general de 4 estrelas).

Ocupando o mais alto posto das Forças Armadas, seu nome foi lembrado, pelo Partido Republicano, para disputar as eleições primárias, na escolha do candidato que enfrentaria Franklin Delano Roosevelt, pelo Partido Democrático. Mas, em 1932, ele teve de enfrentar um dos piores momentos de sua vida. Veteranos da Primeira Guerra, passando fome, acamparam em Washington, exigindo os bônus alimentação a que tinham direito e o Governo tinha cortado. O Presidente Hoover ordenou que o Exército os expulsasse da cidade. Com todo o povo apoiando os veteranos, MacArthur se viu numa situação muito delicada. A solução que encontrou foi negociar com

seus ex-companheiros de farda. A grande maioria aceitou sua palavra e voltou para casa, mas 600 resistiram. MacArthur ordenou o lançamento de gás lacrimogêneo. Houve um confronto e os veteranos atearam fogo nas barracas. No outro dia, todos os jornais mostraram o acampamento em chamas e diziam em manchete: é isso que MacArthur faz com quem tem fome. Todo seu prestígio desabou e suas esperanças políticas terminaram af.

MacArthur deixou o cargo em 1935. Passou para a reserva e, como prêmio, recebeu do presidente a nomeação de governador geral da mais importante colônia americana: as Filipinas.

Nas Filipinas, passou a viver como um rei. Festas, recepções e banquetes passaram a ser uma rotina em sua vida. Com poderes maiores do que o presidente filipino, MacArthur esqueceu o resto do mundo, relaxou com a segurança do país e, para manter apoio popular, sempre que possível, dizia-se favorável à independência do país.

Mas, às 8 horas da manhã de 7 de dezembro de 1941, de maneira ousada, os japo-

neses atacaram Pearl Harbor no Hawai. MacArthur só veio a saber do ataque 22 horas depois. Reuniu seu Estado-Maior com a convicção de que os japoneses tivessem sido derrotados. Às 10 horas da manhã do dia 8, soube que os americanos tinham sofrido uma fragorosa derrota. Nesse momento, não poderia haver mais dúvidas de que os Estados Unidos estavam em guerra com o Japão. Ele deveria ter atacado Formosa imediatamente, pois lá se encontrava uma poderosa base aérea japonesa, mas não o fez. Esperou ordens de Washington. Às onze horas da manhã, os japoneses atacaram as Filipinas e encontraram os aviões de MacArthur parados na pista. Destruíram 53 caças, 18 bombardeiros B-17 e ainda 30 aviões de outros tipos. Seus adversários políticos, dentro e fora do Exército, nunca o perdoaram.

Com apoio de 500 aviões, o Tenente-General Homma, comandante do Décimo Quarto Exército japonês, fez o primeiro desembarque nas Filipinas, em Camiguin, às 4 horas da tarde. No dia 10, eles desembarcaram em Aparri, dia 12 em Vigan, no dia 22 em Ligayan e, no dia 24, na bafa Lammi. Atacado por

várias frentes, MacArthur, implorava reforços em armas e homens com a máxima urgência. No final de dezembro, o General George Marshall, Chefe do Estado-Maior das Forças, Armadas, depois de fazer um estudo profundo da situação, chegou à conclusão que era impossível enviar suprimentos para MacArthur, a 6 mil quilômetros de distância, com a Marinha japonesa dominando toda área. A decisão de Marshall condenava a morte, ou a prisão, 75 mil americanos.

Essa informação chegou aos soldados pela emissora japonesa chamada *Rosa de Tóquio*, que transmitia para as Filipinas todas as noites. O moral da tropa foi a zero. MacArthur ficou só e abandonado. Dia 2 de janeiro considerou Manila cidade aberta e recuou para a península de Bataan. Seu primeiro ato foi reduzir a ração pela metade. A *Rosa de Tóquio* conclamava os americanos a se renderem, chamando MacArthur de louco, suicida e covarde, uma vez que permanecia escondido, enquanto seus soldados morriam. Desesperados, os soldados choravam e o culpavam pela derrota. Cantigas humilhantes foram feitas

para ele. O General Homma, sabedor de sua situação, lhe ofereceu uma rendição honrosa. A resposta de MacArthur foi: *vá se danar*. O General Marshall, percebendo que MacArthur era um troféu valioso demais para o Japão, ordenou que abandonasse a Ilha. MacArthur respondeu: *Fugir? Nunca. Eu não sou covarde. Prefiro ser enterrado nas Filipinas.*

Enquanto isso, a situação na América era de pânico, quase histeria. O moral do povo americano estava péssimo. Corria no país o boato que os japoneses tinham destruído toda a esquadra americana e que em breve atacariam a Califórnia. O desespero tomara conta da Costa Oeste. A população fugia em massa para o interior do país e esperava, para qualquer momento, a morte de seu mais famoso general: Douglas MacArthur.

O Estado-Maior chegou então a uma conclusão drástica: se o MacArthur fosse preso nas Filipinas, ia ser muito difícil motivar a nação para a guerra. O presidente então ordenou-lhe: *fuja*.

Derrotado, humilhado, cercado na pequena ilha de Corregidor e considerado um covarde por seus soldados, o herói da Primeira Guerra,

teve de fugir das Filipinas. Como último ato, recusou-se a utilizar um submarino. Navegou até a Austrália, numa viagem de dois dias, num mar cheio de minas, numa pequena lancha torpedeira.

Chegando lá, mais de 50 jornalistas e cinegrafistas o aguardavam. Todos queriam uma palavra sua. MacArthur procurou então mostrar ao povo que não era um guerreiro derrotado, que não fugira da luta mas, sim, que furara o bloqueio. Pronunciou então um discurso daqueles a que o povo estava acostumado a ver o mocinho do cinema dizer nos momentos mais importantes de um filme. Depois de algumas palavras, terminou seu discurso olhando para as câmeras e dizendo em tom de esperança ao povo americano: *Saf... mas eu voltarei (I shall return)*.

Nem Holywood tinha pensado numa cena tão emocionante. Após o seu discurso o moral do povo americano mudou. Uma nação derrotada e temerosa transformou-se, de uma hora para outra, numa nação guerreira com a certeza que ganharia a guerra. Tudo isso porque, como nos filmes de grande sucesso na época, tais como:

*O Zorro, Capitão Blood, Robin Hood e Nos Tempos das Diligências*, o mocinho Douglas MacArthur, depois de uma fuga espetacular, levaria a vitória. Desse modo, um general que muita gente no Estado-Maior queria que fosse a Conselho de Guerra por tudo de errado que fizera, transformava-se, de repente, em herói nacional. O povo o colocava ao lado do General Pershing, comandante dos americanos na Primeira Grande Guerra. Sua foto era capa de todas as revistas. Seu discurso transcrito em todos os jornais; e um *boton*, com seu retrato de óculos escuros, com a frase: *I shall return*, estava no peito de todo americano.

Mas MacArthur teve uma desagradável surpresa ao chegar à Austrália: os americanos possuíam apenas 15 mil homens naquele país. Ele teria que esperar algum tempo até que, nos Estados Unidos, cidadãos fossem convocados e treinados para o combate. Teria que esperar também que as indústrias de bens de consumo fossem transformadas em indústrias de guerra. Além de tudo isso, quatro meses depois, quando as primeiras tropas começaram a deixar a América,

todas foram enviadas para a África.

Apesar de os americanos terem concordado em primeiro vencer os alemães, o seu maior ódio era contra os japoneses. Havia um desejo incontido de vingar o ataque a Pearl Harbor. Esse ódio aumentou muito quando todos começaram a tomar conhecimento de fatos como: o grande estupro de Nankim, onde um quarto de milhão de seres humanos foram chacinados; das experiências com guerra bacteriológica na Manchúria; da utilização de mulheres filipinas como prostitutas dos soldados japoneses; da utilização de prisioneiros de guerra como trabalhadores escravos em florestas infestadas pela malária, onde as vacinas eram aplicadas apenas nos soldados japoneses. Outro fato que chegou ao conhecimento do povo americano e que ocasionou comoção nacional foi a *Marcha da Morte*. Os americanos, feitos prisioneiros nas Filipinas, tiveram de caminhar 105km, onde todos que fraquejavam eram espancados com porretes até a morte. Muitos foram enterrados vivos e os sádios que ajudavam os doentes tinham seus braços quebrados com

barras de ferro. Essas informações aumentaram em muito o desejo de vingança nos Estados Unidos, e esse ódio ajudou MacArthur a conseguir os reforços que queria.

Os japoneses iniciaram uma grande concentração de tropas na Nova Guiné, preparando-se para invadir a Austrália. Os australianos elaboraram uma estratégia de defesa por etapas, em diversos locais do país, e mostraram MacArthur. Ele ouviu com atenção, depois levantou-se apontando para o mapa da Nova Guiné respondeu: *nossa guerra vai começar aqui*.

Atacar a Nova Guiné era algo que ninguém imaginava. *Uma guerra se ganha fazendo-se exatamente aquilo que inimigo pense que não podemos fazer* foi o seu argumento. Agora, como fazer? Ele possuía apenas meia dúzia de cruzadores e pequenos barcos de transporte australianos. Solicitou, então, dois porta-aviões e uma divisão anfíbia, informando que pretendia desembarcar na Nova Guiné por ser a melhor maneira de defender a Austrália.

O Almirante Nimitz recusou ajudá-lo, alegando que o Japão possuía muitos aeroportos nas ilhas do arqui-

pélago de Salomão e, por isso, não poria a esquadra em risco. O general passou então a escrever uma série de memorandos solicitando apoio para o desembarque. Mas nenhuma resposta recebeu. A Marinha, de um modo geral, tinha muita má vontade com ele e o Estado-Maior Geral estava mais preocupado com a guerra na Europa.

Em 27 de julho, porém, a permissão para o ataque chegou. A Marinha ficaria com as ilhas Santa Cruz e Tulago, no Pacífico Central, o Exército com a Nova Guiné. MacArthur, sentindo que seu sonho começava a se tornar realidade, partiu para o ataque.

Seu desembarque em Porto Moreby foi acompanhado e anunciado pela imprensa americana como um grande feito. Mas quando a luta começou foi um vexame. Os soldados americanos, recém-chegados da América, não eram adversários à altura dos experientes soldados japoneses. Nos primeiros combates, os americanos começaram a fugir, desesperadamente, abandonando, inclusive, suas armas. Foi um escândalo. MacArthur teve que levar, vários oficiais e conselhos de guerra, por

covardia, e promover sargentos a oficiais para poder continuar defendendo Porto Moreby. Outros problemas graves foram a chuva e a lama. Os americanos não se adaptaram ao clima. Com isso, a malária e a difteria começaram a massacrar o exército de MacArthur - vinte mil doentes, nos primeiros meses da guerra na selva.

Aproveitando a situação que lhes era totalmente favorável, os japoneses desembarcaram mais tropas na costa norte da Nova Guiné e preparam-se para uma grande ofensiva. MacArthur, percebendo que todo o suprimento do Exército nipônico vinha das ilhas do arquipélago Salomão, em 8 de agosto desembarcou na ilha de Guadalcanal, abrindo uma segunda frente na guerra com intuito de enfraquecer os japoneses na Nova Guiné. O Estado-Maior Conjunto, em Washington, discordou totalmente. MacArthur, porém, retrucou afirmando: *As armas da infantaria são hoje por demais mortíferas para se tentar um ataque frontal. Somente os comandantes medíocres têm sua estratégia apoiada em grandes baixas.*

Mesmo assim, os japoneses iniciaram sua ofensiva na Nova Guiné. MacArthur

fez então uma jogada audaciosa, digna de um campeão de xadrez: lançou uma brigada pára-quadista nas montanhas de Owen Stanley e atacou a retaguarda inimiga. Pegos de surpresa os japoneses recuaram.

Era o que o povo americano esperava há muito tempo: uma vitória do seu Exército no Pacífico. MacArthur levou a imprensa à frente de batalha e deu uma entrevista como se estivesse participando de um musical da Broadway. O recuo japonês foi apresentado como uma vitória espetacular. Em Washington, seus adversários criticaram essa manipulação da imprensa, acusando-o de estar usando a guerra para se promover e fazer campanha eleitoral para ser presidente. Seus admiradores, porém, alegavam que ele estava apenas contribuindo para elevar o moral do povo e do Exército americano. E nisso, não há como negar, ele era muito bom.

Com a ofensiva japonesa retida na Nova Guiné, Douglas MacArthur lança uma nova estratégia na guerra: *o Jogo de Carniças*. Essa estratégia consistia em atacar, com forças poderosas, todas as pequenas ilhas ao redor da Nova Guiné onde os

japoneses escondiam seus suprimentos, isolando assim o grosso do Exército imperial. Gradativamente, ele foi desembarcando e ocupando: Bougainville, Nova Georgia, Santa Isabel, San Cristobal, Nova Irlanda e a Nova Bretanha. Com isso, em Guadalcanal, em Rabul e na Nova Guiné, o grosso do Exército japonês ficou isolado.

Desesperado, o Alto Comando em Tóquio tentou uma última cartada: trouxe, para o mar de Bismark, 2 cruzadores, 2 couraçados, 2 porta-aviões e 380 aviões, para destruir MacArthur. Mas, os novos e poderosos radares americanos acusaram sua presença, o que permitiu serem interceptados por caças da Marinha. Numa única batalha naval, o Japão perdeu toda a esquadra do mar de Bismark. Isolados e sem suprimentos, Guadalcanal caiu fevereiro de 1943. Em abril, MacArthur era o senhor absoluto de todas as ilhas do arquipélago Salomão. Em maio, a poderosa Rabul caía praticamente sem luta e, em outubro do mesmo ano, Douglas MacArthur anunciava a libertação da Nova Guiné.

Com apoio total da imprensa, principalmente dos

jornais ligados ao Partido Republicano, MacArthur passa de herói nacional a gênio militar. Em Washington todos tiveram de reconhecer que ele tinha razão. Com suas aparições sistemáticas na frente de batalha, sempre acompanhado de um batalhão de fotógrafos, sua popularidade ultrapassou em muito a do Presidente Roosevelt. Nenhum ator, por mais famoso que fosse, recebia mais cartas do que ele. Desse modo, com Hollywood, em todos os documentários cinematográficos sobre a guerra, apresentando-o sempre ao som de *Glória, Glória, Aleluia*, de general, ele é promovido a deus: *o deus da guerra*.

Com o General Marshall envolvido nos preparativos para a invasão da Normandia, o próprio Presidente Roosevelt foi ao Hawai discutir a ofensiva final contra o Japão. Como o Almirante King também não viria, MacArthur achou que o presidente estava em campanha eleitoral. Mas enganou-se. Quando a reunião começou, verificou que o Almirante Nimitz levava vários assessores e um plano completo para a segunda fase da guerra. Por esse plano, o Exército atacaria Formosa e a Ma-

rinha, Iwo, Jima e Okinawa, deixando as Filipinas para trás. A razão de deixar as Filipinas de fora no ataque final era se aproximar o mais rapidamente possível do território japonês e iniciar os bombardeios aéreos com os B-29.

MacArthur, inconformado, falou por 3 horas sem parar, criticando a estratégia e tentando, inutilmente, modificar os planos do Estado-Maior Conjunto. Quando, porém, afirmou que os Estados Unidos tinham o dever moral de libertar as Filipinas pois, se não o fizessem, estariam confirmando a tese japonesa pela qual os americanos jamais derramariam uma única gota de seu sangue em favor do povo filipino, Roosevelt foi acometido de uma terrível dor de cabeça. Quando o próprio Nimitz teve dúvida quanto a alguns pontos do plano original, o presidente aceitou os argumentos de MacArthur.

Em outubro de 1944, a poderosa força de ataque americana partiu em direção às Filipinas. Depois de pesado bombardeio naval, os americanos desembarcam em Leyte. Numa decisão de extrema coragem, MacArthur foi um dos primeiros a desem-

barcar. Já na praia, enquanto todos, temerosos, esperavam o contra-ataque japonês, MacArthur, com muita tranquilidade, pegou o microfone e falou pelo rádio para todo o povo filipino:

*Povo das Filipinas. Pela graça de Deus todo poderoso estou de novo em vosso solo; eu voltei. Nesse momento se unam ao meu redor. Que o espírito de Bataã e Corregidor nos conduza. Em nome dos que morreram ataquem. Em nome dos que estão sofrendo em campos de concentração, ataquem. Em nome dos que estão feridos nos hospitais, ataquem. Em nome de Deus todo poderoso, ataquem. Que coração algum vacile. Que todos os braços se fortaleçam, pois a orientação divina apontará o nosso caminho. Sigâmo-lo em seu nome até o santo Graal da vitória justa.*

MacArthur avançou em direção a capital. O General Yamashita mandou considerar Manilha cidade aberta. Mas o General Iwahuchi, dentro da cidade, descumpriu a ordem e travou uma luta corpo a corpo, casa por casa. Manilha foi totalmente destruída mas, em 4 de março de 1945, as Filipinas estavam livres. Pelo feito, MacArthur recebeu a quinta estrela de

general, que correspondia a marechal-de-campo, posto que tanto desejava, e passava a ser o comandante supremo de todo o Pacífico. Somente os generais Marshall, Chefe do Estado-Maior, Arnold, Comandante do Exército e Eisenhower, Comandante Geral das Tropas Aliadas na Europa, tinham recebido tal honraria.

Assim que assumiu o comando supremo no Pacífico, MacArthur tomou duas decisões. A primeira, ordenou que o Palácio Imperial em Tóquio não fosse bombardeado. Sendo o Imperador considerado uma divindade, dizia ele, essa atitude jamais seria perdoada pelo povo japonês. A segunda foi declarar que país algum participaria da administração ou da ocupação do território japonês porque o Japão é um problema americano.

O grande sonho de MacArthur agora era executar um desembarque em território japonês, tão ou mais espetacular do que o desembarque na Normandia e, para tal, iniciou a elaboração de toda estratégia. Mas, em primeiro de abril, quando os fuzileiros desembarcaram em Okinawa, o Estado-Maior Conjunto mu-

dou de idéia. Os japoneses atacaram com os *Kamikazes*, com mini-submarinos suicidas e com soldados envoltos em explosivos. Com isso, dez mil japoneses danificaram 34 navios, incluindo um porta-aviões, e mataram 50 mil americanos.

O Alto Comando da Guerra entrou em pânico e começou imaginar o que aconteceria quando o Japão fosse invadido. Havia 2 milhões de japoneses esperando pelos americanos num país montanhoso.

Tentando evitar o confronto final, os Estados Unidos, a Inglaterra e a China assinaram a declaração de Potsdam e convidaram o Japão a render-se. O Almirante Suzuki, o novo Primeiro-Ministro, propôs ao Parlamento a rendição. O General Tojo posicionou-se contra, alegando que os americanos só aceitariam uma rendição incondicional, e isso seria uma humilhação e uma desonra muito grande para o povo japonês. Partindo, então, de Iwo Jima e Okinawa, a Força Aérea Americana, utilizando os B-29 lançaram toneladas de bombas incendiárias. Sendo as cidades feitas de madeira, setecentas mil pessoas morreram queimadas, mas o

orgulho japonês continuava inabalável.

Como os americanos possuíam uma nova e poderosa arma, a bomba atômica, o Pentágono resolveu utilizá-la. Duas opções foram apresentadas ao Presidente Truman: ele tinha de decidir entre a morte de um milhão de americanos ou lançar a bomba sobre o Japão. Truman não teve escolha. MacArthur ficou furioso quando soube que a Força Aérea ganharia a guerra sozinha.

A primeira bomba foi lançada em 6 de agosto, na cidade de Hiroshima. Setenta mil mortos. O Imperador implorou a Suzuki e a Tojo para que aceitassem a Declaração de Potsdam. Tojo respondeu aos americanos que aceitaria a rendição desde que o Japão não fosse ocupado, que as Forças Armadas japonesas pudessem voltar ao Japão sem hostilidades e que a figura do Imperador fosse mantida intocável. Como resposta os americanos lançaram uma segunda bomba em Nagasaki. Quarenta mil mortos. Em 15 de agosto, falando no rádio pela primeira vez, o Imperador dizia a seu povo que o Japão se rendia incondicionalmente. A 2 de setembro de 1945, a bordo do couraçado ame-

ricano *Missouri*, diante do General Douglas MacArthur, os representantes japoneses assinaram a rendição. Terminava a Segunda Guerra Mundial.

Pela segunda vez na vida, MacArthur recebeu do Governo americano poderes totais para administrar um país. Ao tomar posse seus primeiros atos foram: não fechar o Parlamento japonês, eleito democraticamente pelo povo; não tocar na figura do Imperador, apesar das pressões que recebeu dos ingleses, chineses, holandeses, filipinos, australianos e dos próprios americanos; punir com rigor toda e qualquer violência praticada contra civis japoneses; distribuir comida à população; manter as eleições parlamentares de março de 1946, pouco se importando com os protestos dos antigos aliados; e promulgar uma nova Constituição.

Politicamente, entretanto, MacArthur era muito ingênuo. Costumava fazer declarações que irritavam, em muito, o Departamento de Estado. A pior delas foi quando os comunistas assumiram o poder na China. MacArthur foi a Formosa e apoiou, sem autorização do Governo americano, o cor-

rupto Chiang Kai Shek. Esse apoio criou uma grave crise diplomática com a China comunista.

Mas o que realmente acabou com sua carreira militar foi a guerra da Coréia. Esse pequeno país asiático tinha sido dividido em dois: um sob influência americana e outro sob influência soviética. Só que, ao deixarem o país, os russos deixaram também uma quantidade exagerada de armas. Não demorou muito para que os coreanos do norte invadissem a Coréia do Sul e ocupassem sua capital, Seul. Para expulsar os norte-coreanos, num arriscado movimento de tropas, MacArthur entrou com a Sétima Frota totalmente em silêncio pelo mar Amarelo e desembarcou suas tropas atrás de Seul cercando todo Exército norte-coreano. Foi uma obra-prima de estratégia e uma das mais brilhantes de sua carreira. Mesmo aqueles que ainda duvidavam de suas qualidades como estrategista, tiveram de aceitar sua genialidade. Com uma única batalha ele ganhara a guerra.

Libertada a Coréia do Sul, MacArthur resolveu invadir a Coréia do Norte e desarmar o Exército norte-coreano. O Departamento de

Estado discordou frontalmente da invasão, alegando que a China entraria na guerra e o conflito poderia ficar incontrolável. MacArthur garantiu que isso não aconteceria e invadiu a Coréia do Norte chegando na fronteira chinesa. Só que os chineses contra-atacaram com um exército de um milhão de homens. MacArthur, então, pediu permissão para bombardear as pontes dentro do território chinês e impedir a chegada de suprimento à frente de batalha. Com a situação na Europa muito tensa, com os soviéticos fazendo uma série de ameaças, Truman, temendo que, como represália, os soviéticos atacassem Berlim e o mundo se visse em outra guerra mundial, negou o pedido. MacArthur então criticou severamente a atitude do presidente dizendo que não se podia devolver, gratuitamente, ao inimigo as conquistas de uma vitória nas armas. Truman não teve outra alternativa a não ser exonerá-lo.

Ao chegar de volta aos Estados Unidos, depois de 15 anos de ausência, 6 anos após terminada a guerra, pensando que o povo já o tinha esquecido, recebeu a maior ovação já conseguida por um

herói americano. Nove milhões de pessoas, o triplo dos que receberam Eisenhower, foram vê-lo desfilar em carro aberto na cidade de Nova Iorque. O Congresso americano o recebeu em sessão solene e, em seu discurso de agradecimento, pronunciou

uma de suas frases mais famosas: *velhos soldados nunca morrem; eles apenas desaparecem.*

O povo americano o adorava como a um deus. Mas não queria outra guerra mundial e MacArthur não era confiável. Quando das elei-

ções primárias do Partido Republicano para a escolha do seu candidato a presidente, aquele mesmo povo que o amava, que o idolatrava e lhe seria eternamente grato por tudo que fizera pelo seu país, escolheu Eisenhower.




*Os principais valores morais são constituídos pelo talento do comandante, pelas características militares das forças e pelo espírito nacional. Ninguém pode dizer, de uma maneira geral, qual deles é o mais importante, pois que é muito difícil avaliar a importância deles e ainda mais difícil saber a prevalência de um sobre os demais. O melhor a fazer é não subestimar nenhum deles.*

De *As Forças Morais* – Vol. I, livro III, caps. III e VI

